

A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE TRABALHO E VOCABULÁRIO NA COMUNIDADE DE VALIATTI

Sueli Valiato - Faculdades Integradas Norte Capixaba

Francisca de Sousa Santiago - Faculdades Integradas Norte Capixaba

semec@simonet.com.br

APRESENTAÇÃO

A gênese desse trabalho consiste na necessidade de refletir e compreender a relação existente entre as atividades agropecuárias e outros trabalhos desenvolvidos historicamente, na comunidade de Nossa Senhora da Penha-Barra Seca Valiatti, e a construção e manutenção do vocabulário desse local, bem como analisar mutações ocorridas no seu vocabulário e na sua cultura, advindas, possivelmente, de mudanças sucedidas nessas atividades e trabalhos, e/ou no método de executá-los. Além disso, tem por objetivo averiguar a veracidade dessa suposição, pois de acordo com o pensamento de Santos

“A aparência é a não-realidade, a ilusão que cria obstáculos a não inteligibilidade do real existente. Daí que ciência tenha por objetivo identificar-denunciar a aparência e ultrapassá-la para atingir a realidade, a verdade sobre a realidade”.
(SANTOS, 2001, 331).

Para realizar este estudo optou-se pela pesquisa qualitativa, por entender que essa proporciona maior interação entre pesquisador e contexto pesquisado, já que BOGDAN e BIKLEN apud LUDKE e ANDRÉ (1986) afirmam que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Conforme esses autores “a pesquisa qualitativa supõe um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra por meio do trabalho intenso de campo”. Mesmo porque, o tema desenvolvido é de difícil mensuração, haja vista que trata de impactos no vocabulário camponês, oriundo de mudanças ocorridas em atividades agropecuárias e outros trabalhos. Por esse motivo, Julgou-se, então, conveniente realizar um estudo de caso, em virtude do tempo insuficiente para estender a abrangência da investigação; devido também, às características dessa abordagem qualitativa de pesquisa, que permite dinamizar e diversificar a coleta de dados.

Esse trabalho sustentou-se em dois pilares: a revisão de literatura, fundamentada, basicamente, nos autores Calvino (1995) e Castoriadis apud Moreira (2000), e na pesquisa de campo. Para tal, fez-se uso de entrevistas e questionários padronizados ou estruturados, a fim de obter maior uniformidade nas informações, facilitando assim, a análise dos dados coletados. Organizou-se os sujeitos em quatro categorias de análise. A primeira compôs-se de 20 indivíduos de idade superior a 31 anos, que foram entrevistados a fim de identificar atividades que não são mais desenvolvidas na comunidade; a

segunda foi composta por 06 pessoas de 16 a 30 anos, essas pessoas responderam um questionário que objetivava investigar e analisar as influências do desaparecimento de determinadas atividades na cultura e no vocabulário local, bem como verificar se as novas gerações têm domínio de saberes e atividades que sejam próprios dessa comunidade campesina. A terceira categoria foi construída com 07 indivíduos de idade entre 10 e 15 anos; com os quais se aplicou um formulário que tinha o propósito de verificar se esse grupo conhecia vocábulos específicos das atividades desaparecidas. Também foi composta uma quarta categoria, organizada a partir das informações coletadas na análise da primeira entrevista. Com base nas quais se elaborou um roteiro a fim de pesquisar as ferramentas e o modo de executar cada atividade em desuso, buscando identificar palavras e expressões que se relacionam especificamente com as mesmas.

A PALAVRA, O CAMPO E A INSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DA SOCIEDADE

O ser humano se distingue dos outros seres pela capacidade de organizar o pensamento por meio da língua e articular diversas linguagens, a fim de facilitar sua sobrevivência. Isso é demonstrado pela forma como os homens pré-históricos se organizavam para vencer as intempéries da natureza; expressavam seu pensamento, criando códigos que lhes serviam de elementos de comunicação, que lhes auxiliavam na articulação e execução de atividades, proporcionando-lhes melhores condições de sobrevivência.

O aumento da população começou impor limitações à sobrevivência humana. Por conseguinte, o homem teve que desenvolver seu pensamento visando minimizá-las, e quanto mais complexa se tornava a manutenção da vida, ficava também complexo o pensamento. Dessa forma, o sistema de comunicação utilizado nessa época não dava mais conta dessa complexidade. Esse fato forçou os seres humanos a desenvolverem mecanismos que melhor expressassem os pensamentos abstratos, dentre esses, o que se denomina, palavra.

Aurélio Buarque de Holanda define palavra como: “manifestação verbal ou escrita; faculdade de expressar idéias por meio de sons articulados”. Além disso, palavra tem o poder de concretizar as idéias e conseqüentemente completar as pessoas, é por meio da palavra que o indivíduo se torna sujeito e se relaciona com o mundo a sua volta. A palavra também se forma e se transforma na interação entre indivíduo-indivíduo e indivíduo-realidade. Quando se faz o uso dela, essa já encontra-se “habitada pela fala de outrem, pois ela penetra em todos os domínios da sociedade, por isso é indicadora de transformações que a sociedade infere no ser humano”. (CALVINO, 1995, p. 9)

Nesse sentido, pode-se afirmar que quando ocorre alteração na forma de viver de uma comunidade de falantes, muda-se também as palavras de seu vocabulário. E como para Castoriadis, a forma de viver constitui o imaginário, e esse “afigura-se a partir do presente e este presente é sempre constituído por um passado que o habita e por um futuro que o antecipa”, torna-se incontestável a

importância das palavras, já que essas marcam fortemente a comunicação humana, são elementos fundamentais da construção e constituição das pessoas e conseqüentemente de seu imaginário.

Pode-se afirmar então, que existe uma relação intrínseca entre a palavra e o imaginário, já que essa segundo Calvino tem a “capacidade de unir o traço visível à coisa invisível, ao que se deseja ou se teme como se fosse uma frágil passarela improvisada sobre o abismo”, isto é, pode aproximar a pessoa de fatos e objetos que se fazem presentes como dos que encontram-se ausentes, pois o horizonte social e mais distante se fazem presentes na palavra”. (CALVINO, 1995,p.90)

Por ser assim, a palavra releva por meio de si, traços culturais, sociais e históricos de cada indivíduo e/ou comunidade. E o referido autor argumenta que “é por meio da palavra que percebemos as mudanças mais efêmeras que ocorrem na sociedade”. E, Paraphraseando Patrícia Corsino, a palavra é quem apresenta o mundo ao indivíduo; a palavra atribui significado, pois o contem. Uma palavra sem significado torna-se meramente um som vazio, logo não se insere na fala humana, uma palavra internalizada torna-se instrumento do pensamento.

Enfim as palavras por si só não dizem muito, é preciso que sejam observadas em seu contexto, pois é a partir do locutor e interlocutor juntamente com sua cultura, que as palavras ganham forma e dão vida ao meio, espalham-se, representam as modificações desse meio, fazem e refazem sujeitos e histórias, porque elas não têm donos nem são donas, porém reinam e tem a função de unir ou não os seres humano, guardando traços de sua cultura, e segundo Edgar Jorge Kolling, o campo mesmo dentro de um complexo contexto, não tende necessariamente a desaparecer, mas que esse “exige espaço para ser sujeito”.

A COMUNIDADE, OS DADOS E AS ANÁLISES

A pesquisa de campo aconteceu na Comunidade de Nossa Senhora da Penha, Barra Seca-Valiatti, localizada no Brasil, estado do Espírito Santo, no município de São Mateus, limitando-se com os municípios de Vila Valério ao Sul e Jaguaré ao Leste, às margens do Rio Barra Seca.

Os primeiros moradores chegaram a essa localidade no início da década de 60, sendo pioneiro o senhor Sergílio Machado, seguido do senhor Atilio Montanari e posteriormente pelo senhor Antônio Valiatti. Todos procedentes do sul do Espírito Santo, vieram acompanhados de esposas e filhos.

A base econômica das famílias nesse período, era a extração e venda de madeira, a agricultura de subsistência e os pequenos cafezais da variedade Borbom, nome popular do café Arábica, que começavam a despontar nos morros da região, que segundo um desses moradores não tiveram muito êxito com esses plantios, por isso ano depois essa variedade foi substituída pelo café Conilon, que tem melhor adaptação ao clima e ao relevo dessa região. Os novos plantios foram feitos na

chapada, parte plana dos planaltos, com técnicas diferentes das que usavam na sua região de origem.

Atualmente, essa comunidade é formada por 37 famílias e aproximadamente 140 pessoas, que têm na agricultura, principalmente no cultivo do café e da pimenta sua base econômica.

Durante as entrevistas constatou-se que as seguintes atividades e trabalhos estão em desuso: extração de madeira; cortar árvores com machado; transportar madeira com junta de boi; fazer derrubadas; brocar mata; produzir derivados da cana: garapa, melado, rapadura, açúcar preto, café de garapa; fazer farinha de mandioca, beiju e goma. Cultivar arroz; guardar planta, isto é, reservar sementes de uma colheita para serem plantadas em plantios vindouros; usar arado de tração animal; fazer esplanadas ou terreiros manualmente para a secagem de café e seriais; produzir queijo; trabalhar em mutirão; organizar-se em associação e visitar os vizinhos.

Um dos fatores que podem ter causado a extinção dessas atividades é o esgotamento das reservas naturais, pois os pioneiros sobreviviam basicamente da extração e venda de madeira, já que esse recurso natural era abundante e sua exploração justificava-se pela necessidade de áreas para se fazerem lavouras e pastagens. Influenciados pela cultura de seu local de origem, o sul do Espírito Santo, região montanhosa, os primeiros moradores iniciaram o desmatamento pelos morros e/ou encostas, onde foram feitos os plantios de café Borbom citados anteriormente. Quando os agricultores optaram por cultivar outra variedade de café, potencializou o processo de degradação ambiental, pois essa foi plantada nas chapadas. Os morros foram esquecidos, ficando a mercê da ação do vento, do sol e da chuva, e atualmente encontram-se num estágio grave de erosão. Esse fato também facilitou o uso de máquinas e implementos agrícolas.

A adesão do camponês ao consumo de produtos industrializados, o levou em tempos a substituir os produtos por ele fabricado, geralmente de maneira artesanal e autônoma, vinculando-se quase que totalmente ao comércio, tanto no que se refere ao consumo quanto à produção agrícola, como também a venda dos produtos agropecuários, contribuiu para o desaparecimento de muitas atividades, como os derivados da mandioca e da cana.

Outro fator, que possivelmente influenciou no desaparecimento das referidas atividades, foi a divisão das propriedades entre os herdeiros, pois quando os primeiros moradores chegaram à comunidade, as terras pertenciam ao Estado e desse foram compradas a baixo preço, permitindo assim, a aquisição de médias propriedades, que favoreciam a prática da pecuária leiteira no modelo extensivo. Em virtude dessa divisão, as áreas ficaram menores e a pecuária leiteira diminuiu, inviabilizando a fabricação de queijo.

O desaparecimento de ações socio-organizativas pode ser justificado pela massificação da ideologia capitalista, que motiva o individualismo, a competitividade, a produção destinada ao comércio

buscando a obtenção de maiores lucros e, com o avanço da tecnologia e o surgimento das máquinas, trabalhos que tinham que ser executados por um grupo de pessoas, como fazer uma esplanada, transportar uma tora, podem ser feitos apenas por um trator operado por uma pessoa. Nesse processo também é inegável a influência dos meios de comunicação, que por sua vez propagam o consumismo, o modo individual de viver, prende a atenção das pessoas em realidades pouco condizentes com o seu cotidiano, interferindo diretamente na convivência dessas com seus familiares e vizinhos, e conseqüentemente na construção e manutenção de seu vocabulário.

Desde o aparecimento dos primeiros moradores da comunidade Valiatti, nota-se que muitas modificações ocorreram, no que se refere a costumes e tradições, convivência e principalmente nas atividades, nas formas de executá-las e no seu jeito de falar. Um exemplo disso é o fato de haver um percentual maior de indivíduos entre 31 e 65 anos que dominam saberes a mesma atividade, fato esse, que não ocorre com o grupo pesquisado com faixa etária de 16 a 30 anos. Nesse grupo ocorre uma discrepância entre o número de atividades e o percentual de pessoas que a dominam. Esse fenômeno evidencia que aquela geração tem conhecimento mais diversificado, enquanto essa, é detentora de saberes mais específicos. Essa tendência à especificidade ocorrer por influência da modernização, da produção em série que incentiva a especialização da mão-de-obra, ficando claro os reflexos do modelo de produção capitalista.

Constatou-se que os saberes apresentados pelos sujeitos de 16 a 30 anos estão predominantemente relacionados à cultura do café e da pimenta, e atividades necessárias à manutenção de máquinas e equipamentos, entretanto esses últimos apresentam-se de forma centralizada. Percebeu-se ainda que as atividades não direcionadas ao comércio são pouco praticadas por esse grupo. Já entre as pessoas com idade superior a 30 anos, há uma ocorrência significativa do cultivo de culturas destinadas ao consumo próprio. No entanto, é notável nos dois grupos preocupação em trabalhar em prol da geração de renda, quer seja por meio da venda dos produtos ou da produção para o próprio consumo.

Observou-se também, que nos anos decorridos de 1990, a agricultura, na comunidade Valiatti, foi extremamente comercial. Os camponeses e camponesas, salvo algumas exceções, produziam somente o que se podia vender; ocorreu o auge da monocultura do café, bem como o apogeu das máquinas e dos agro-químicos. Os camponeses e camponesas dependiam quase que totalmente do comércio e do mercado. Contudo, nos primeiros anos da década seguinte, aconteceu uma crise no preço da saca do café, levando muitos camponeses e camponesas à falência, alguns desses venderam parte de suas terras ou toda, para pagar dívidas com os bancos e empresas compradoras de café. Esse fato trouxe a essa comunidade um momento de reflexão sobre a conjuntura agrícola local e atualmente é notável uma retomada, ainda tímida, dos plantios de alimentos e criações de animais de pequeno e médio porte.

Conforme a pesquisa feita com o grupo de 16 a 30 anos, constatou-se que existem saberes, trabalhos e/ou atividades que são de domínio dos pais e das mães, mas não são dominados por filhos e filhas. Um exemplo desse fenômeno são os conhecimentos relacionados à carpintaria que não estão sendo repassados para as novas gerações. Esse acontecimento pode ser justificado pela escassez da matéria-prima e o rigor da legislação, que levou à substituição da madeira por outros produtos, geralmente industrializados, mais acessíveis às empresas especializadas e, segundo a opinião de 57,2% dos entrevistados, os saberes típicos do campo são repassados de pais para filhos por meio das atividades executadas cotidianamente, diálogo e de acordo com o interesse do aprendiz. Sendo assim, não é difícil concluir que ao passo que desaparece uma atividade ou trabalho nas comunidades camponesas, desaparece conseqüentemente uma gama de conhecimentos e, por conseguinte o vocabulário que circundava tal atividade.

Por meio desse estudo, foi verificado que 75% dos entrevistados de 16 a 35 anos, acreditam que o desaparecimento de atividades e/ou trabalhos típico das comunidades camponesas podem causar mudanças na cultura do meio rural. Também ficou evidente em seus discursos a preocupação, o desejo de resgatar e/ou ampliar algumas atividades que já foram extintas da região. Dentre as quais se destacam com percentual superior a 50%: fazer garapa; produzir melado e rapadura; fazer farinha, beiju e goma; ter as próprias sementes para fazer seus plantios; visitar os vizinhos; produzir queijo e plantar seriais.

Sem dúvidas, a retomada dessas atividades daria à comunidade maior autonomia, implicaria melhorias na qualidade de vida, na alimentação, nas relações inter-pessoais, podendo melhorar a situação financeira, já que, diminuiria a subordinação dos camponeses e camponesas ao mercado e ao comércio, e que organizados em associações e/ou cooperativas, poderiam tê-las como fonte alternativa de renda, além do fortalecimento de sua cultura, resgatando o sentido de algumas palavras que já soam estranho às gerações mais jovens.

Após elencar palavras que circundavam as atividades que desapareceram nessa comunidade, e pesquisar pessoas de 10 a 15 anos, verificou-se que 100% dos sujeitos já não conhece os seguintes vocábulos: Cabresto do pau, carrear, cancal, corcão, eixo, áster, brocha, canzil, chapa, manita, cambita, trela, fincão, cambão, paviola, coivara, coivara, sistema de cachimbo; 86% desconhece marra, carretão, zorra, coalheira, terno de boi; 72% não sabe o que é brocar mata, boca do pau, garruchão, boi de guia, vaca manual; 57% não conhece riera, prensa, tombar brejo, prumo e tombo do pau; 43% desconhece bolinete e picareta; 28% não sabe o que é serra, carreiro, coadeira, beiju, goma, engenhoca, traçador; 14% ignoram o significado de embarrear, várzea, coalho, cantar roda e 3% não sabe o que é um raspador.

Verificou-se também que os vocábulos: “canga, brejo, engenho, sabugo, pamonha, carriola, carroça, barranco, pinguela, marreta e pilão” ainda são conhecidos por todos os entrevistados(as) desse grupo. Esse fenômeno decorre do fato de atividades, objetos e ações que se relacionam direta ou

indiretamente com essas palavras ainda se fazem presentes, de alguma forma, entre as pessoas desse grupo e, aqueles vocábulos desconhecidos, todos estão atreladas à atividades, objetos e ações que desapareceram antes desses sujeitos nascerem, pois como afirma Corcino

“sem significado a palavra é um som vazio, (...) porque palavra tem sempre um sentido ideológico ou vivencial, se relaciona totalmente com o contexto e carrega um conjunto de significados que socialmente foram dadas a ela” (CORCINO, 2001).

Entretanto, mesmo que uma palavra não tenha mais referência na realidade concreta atual, deveria ter seu significado, seu sentido preservado para as novas gerações, por meio da incorporação das mesmas à cultura e à História local, uma vez que, de acordo com Calvino, a palavra, tem o poder de aproximar os indivíduos das coisas presentes e das coisas ausentes, pois pelo que se pode observar com o presente estudo, os costumes, as palavras, os feitos, os “causos”, as histórias, os significados, os sentidos peculiares a essa comunidade não estão sendo repassados para as novas gerações. Esse fato compromete a história dessa localidade, empobrece sua cultura e retalha sua autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra aciona o imaginário ao mesmo tempo em que o compõe; funciona como mecanismo de ligação entre o real e o imaginável. Ao ser ouvida permite ao indivíduo criar imagem a partir de objetos e coisas já conhecidas. Além de fundamentar-se no concreto real, aqui definido como: o que existe de fato, verdadeiramente, e no concreto imaginável, ou seja, o que existe na imaginação, na memória, a palavra traz em si um caráter social e ideológico. Esse caráter permite utilizá-la como instrumento de investigação, análise, construção e reconstrução de realidades.

Parece, então, estar claro que a preservação do significado e do sentido dessas palavras que já fizeram parte do vocabulário local, no imaginário das novas gerações é importante na manutenção da cultura bem como da memória dessa comunidade camponesa. Aspecto necessário para a construção e o fortalecimento da identidade dos camponeses e camponesas dessa localidade, já que as atividades que dão significado às palavras que desapareceram compõem o cenário histórico da mesma, cenário esse de fundamental importância na construção do presente e na projeção do futuro, como corrobora Castoriadis apud Moreira (2000).

Sendo assim, acredita-se ser necessária a criação de alternativas mais sistematizadas para repassar esses conhecimentos históricos, uma vez que, é próprio dos camponeses e camponesas repassarmos conhecimentos de forma assistemática, conjugando-os com o fazer diário. Devido a essa característica, como já se mencionou anteriormente, os conhecimentos que estão atrelados às atividades não mais executadas estão fadados a extinguir-se, arrastando consigo parte da cultura, da riqueza e diversidade vocabular de uma comunidade de falantes.

Diante do exposto, torna-se oportuna a fala do entrevistado “B16”, quando afirma que “As famílias precisam retomar algumas atividades para diversificar suas propriedades, para aliar renda à qualidade de vida”, já que é visível o desejo e a preocupação de muitos camponeses e camponesas em preservar costumes e tradições relacionados à produção agrícola da comunidade, diminuindo as imposições do mercado e a dependência do comércio. Faz-se necessário também, que a história desse lugar seja contada pelos que a viveram, ser mostrada em fatos, fotos e objetos.

A preservação da história, dos costumes e tradições é imprescindível à capacidade de resistir às influências e imposições do modelo capitalista de produção, característico da Modernidade, que abala a autonomia econômica e cultural das comunidades camponesas. Principalmente, o resgate e divulgação da história que antecede a década de 90. Esse resgate pode ser feito a partir das atividades e trabalhos agropecuários, forma de viver, dando ênfase ao vocabulário utilizado pelos moradores e moradoras desse local nesse período. Por isso, as escolas devem abrir espaço para que os camponeses e camponesas, que ajudaram a construir esse lugar, conte sua história. Há de se criar pequenas exposições de objetos e ferramentas que estão em desuso, já que é evidente a relação intrínseca, nessa comunidade camponesa, entre os trabalhos, as atividades e a construção e manutenção do seu vocabulário; bem como à preservação de seus valores, saberes e sabores. Mesmo que alguns desses elementos não integrem mais o concreto real, é indispensável a sua presença no imaginário dos camponeses e camponesas dessa comunidade.

E o que inicialmente se apresentava como aparência tornou-se, objeto identificado e denunciado... Corroborando o pensamento de SANTOS sobre a aparência e a realidade.

REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
2. CALIARI, Rogério Omar. **Pedagogia da alternância e Desenvolvimento local**. Lavras: MEPES, 2002.
3. CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia Letras, 1995.
4. CORSINO, Patrícia. **Quando escutamos, desvendamos nossas paisagens – a palavra, a fala e a narrativa: ouvindo e descrevendo paisagem**. <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins/2001/ling/lingtxt2.htm> 12/11/2004.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

6. KOLLING, Edigar Jorge; NERY, Ir; MOLINA, Mônica Castagna (org). **Por uma educação básica do campo (memória)**: Universidade Federal de Brasília, 1999.
7. LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.
8. MOREIRA, Flávio. **Formação e práxis dos professores em escolas comunitárias rurais: por uma pedagogia da alternância**. 2000. 284f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.
9. SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice. Social no político na Pós Modernidade**. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

APENDICE

Abaixo segue parte do dicionário elaborado com auxílio de um dos pesquisados:

Aste: s. f. peça de madeira retangular que liga o carretão ao que lhe dá tração.

Brejo: s. m. terreno baixo e alagado, pântano.

Bolinete: s. m. pedaço de madeira roliço, com serras afixadas, preso a um eixo, utilizado para triturar mandioca.

Brocha: s. f. trança feita de couro que prende nos canzís, sob o pescoço dos bois, a fim de fixar a canga.

Boi de guia: s. m. bois que assumiam a dianteira do terno de boi.

Boi de coice: s. m. a última junta de boi de um terno de boi.

Boca do pau: s. f. abertura com formato de boca, feita na árvore a ser derrubada para direcionar a queda.

Brocar a mata: ação de cortar a vegetação mediana existentes entra as árvores, bem como a rasteira. Com auxilio de foice.

Barranco: s. m. parede formada na parte interior de uma escavação.

Beiju: s. m. bolo feito com massa de mandioca ou tapioca.

Canga: s. f. estrutura de madeira utilizada para unir dois bois onde se prende o cambão.

Carroça: s. f. carro rústico movido à tração animal utilizado para transportes de cargas.

Cantar roda: atividade de lazer, na qual as pessoas dão as mãos, formando um circulo e giram na mesma direção cantando cantigas tradicionais.

Coalho: s. m. substância utilizada coalhar (coagular) o leite para fabricação de queijo.

Coadeira: s. f. objeto utilizado para enxugar a massa, do leite coalhado, matéria prima do queijo.

Cabresto da árvore: s. m- parte lateral da boca do pau, que serve para guiar a direção da queda da árvore derrubada.

Carreiro: s. m. pessoa que conduz as juntas de bois.

Cambito: s. f. cabo fixo da serra.

Carriola: s. f. pequeno carro com uma ou duas rodas, empurrado à mão, o mesmo que carrinho de mão.

Chapa: s. f. parte da canga que fica sobre a cabeça dos bois, e se prende o canzil e a brocha, local onde se afixa o cambão.

Carrear: ação de conduzir, guiar as juntas de bois.

Corcão: s. m. pedaço de madeira onde gira o eixo.

Canzil: s. f. pequena haste de madeira afixada em três pontos da chapa, usada para prender a brocha.

Cambão: s. m. corrente que liga a carga, a tora, a zorra e outros utensílios à canga.

Coalheira: s. f. coleira de couro e/ou metal, colocada no pescoço de cavalos e bois para tracionar cargas.

Carretão: s.m. versão de carroça sem bordas; utilizada no transporte de madeira.

Engenho: s. f. maquina de madeira com três ou mais moendas, movido com tração animal, usado para extrair garapa em maior quantidade.

Engenhoca: s. f. instrumento manual com duas moendas, presas pela lateral a duas toras de madeira, utilizada para extrair garapa da cana.

Embarreio de casa: ação de encher com as mãos os trançados de varas que formam as paredes de estuque

Goma: s. f. fécula em pó extraída da mandioca.

Junta de boi: s. f. dois bois unidos por uma canga, usados para transporte de madeira em toras, zorras, carretões.

Mancal: s. m. peça de madeira, colocada sobre o corcão para afixar o eixo à parte superior do carretão.

Manita: s. f. cabo flexível da serra.

Marreta: s. m. instrumento composto de um retângulo de ferro com um cabo de madeira, usada para afixar o fincão na tora.

Marra: s. f. técnica utilizada pelos carreiros para conter a velocidade do carretão na descida de morro íngreme.

Pinguela: s. f. travessia feita sobre rios e riachos, usando uma tora de madeira.

Paviola: s. f. maca toda construída em madeira, utilizada para transporte de barro para feitura de tijolos e embarreio de casas de estuque; ou construída com dois varões e tecido para transporte de pessoas doentes.

Pilão: s. m. parte de uma tora, com orifício no centro, onde é socado o urucum, café torrado etc.

Picareta: s. f. ferramenta de ferro de duas pontas, usado para escavar a terra, arrancar pedras etc.

Pamonha: s. f. iguaria feita de milho verde, cozido em tubos feitos com as palhas extraídas das espigas, atados nas extremidades e/ou no meio.

Prensa: s. f. equipamento de madeira utilizado para enxugar a massa da mandioca.

Rieira: s. f. sulco por onde se pode transitar, formado em meio ao lamaçal ou terra firme.

Raspador: s. m. instrumento utilizado para retirar a casca da mandioca.